

**O PAPEL DO CRÍTICO LITERÁRIO: ESTUDO DO OBJETO E ESTÉTICA NO
PROCESSO DA SEMIÓTICA ATRAVÉS DE UMA LEITURA CRÍTICA**

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.031-039>

Luiz Carlos Moreira Ramo Mantovano

E-mail: luizaocarpedien@gmail.com

LATTES: <https://lattes.cnpq.br/6268692961144318>

Custódia Annunziata Spenciere de Oliveira

E-mail: csoliveira09@gmail.com

LATTES: lattes.cnpq.br/7838155117795661

Elizete Albina Ferreira

E-mail: elizetealbinaferreira@gmail.com

LATTES: lattes.cnpq.br/1862770150179930

RESUMO

O respectivo ensaio tem por objetivo orientar estudantes de Crítica Literária e Estéticas Comparadas através do estudo da *Obra e a crítica* (2019, p 9-31) e *Estética e Semiótica* (2019, p 1-8) de Literatura e Sistemas Intersemióticos, de Flávio Khote. Nessa perspectiva, a análise do papel do crítico será tema relevante neste ensaio, além de enunciações em relação ao papel da semiótica dentro da literatura e o estudo do objeto entre as estéticas em comparação. Assim sendo, serão utilizados estudos comparados com a teoria semiótica de Algirdas Julien Greimas, Para Greimas, o signo é chamado "aspecto textual", Semiótica é a teoria da significação e seu objeto não é o signo, mas os Sistemas Semióticos. Segundo Greimas "cada ciência tem sua semiótica particular". Esse estudo comparativo busca fundamentar o papel do crítico e auxiliá-lo na sua formação, orientando à não cair em armadilhas pré-formadas por procedimentos metodológicos da crítica da camaradagem, dessa forma, busca formar críticos que primam pelos preceitos éticos e isonômicos da crítica literária.

Palavras-chave: Semiótica. Estéticas. Objeto. Crítica.



1 INTRODUÇÃO

A obra e a crítica de Flávio Khote nos fazem pensar de maneira a aprofundarmos nossos conhecimentos em relação ao papel do crítico literário. Essa observação tem o propósito auxiliador na formação crítica e pessoal de cada profissional, de certo modo o estudo em análise está contido num processo de examinar o conceito crítico, devemos analisar assim como também a análise de outras obras sobre o mesmo assunto. Não podemos aqui primar em dizer relevantes, pois para o crítico não devemos descartar nem mesmo os desprovidos de senso crítico. A partir do momento em que o crítico descarta qualquer hipótese em relação ao entendimento do processo crítico comete sua primeira falha, pois todo estudo e pensamento deve ser analisado com cautela, pois os processos estão em constante transformação.

Segundo Aldo Tagliaferri,

“faz-se teoria na ausência da possibilidade mesma de construir um saber adequado sobre a literatura. Por isso, o esforço de produzir uma estética entraria em desacordo com sua própria impossibilidade, a partir de nossas premissas, e se converteria, à maneira de Sísifo, na reiteração da própria impossibilidade da estética” (TAGLIAFERRI, 1978, p.68).

Essa afirmação nos mostra como o crítico deve ter a sensibilidade do conhecimento da estética, pois ao analisarmos a palavra teoria, concomitantemente temos a palavra possibilidade, dessa forma reforça a ideia de que nada, nem nenhum estudo sobre o assunto deve ser descartado.

Para Jakobson, como se sabe, a Teoria Literária era a investigação da literariedade, caracterizada como deformação organizada da língua cotidiana (EIKHENBAUM, 1976, passim). Essa afirmação de Jakobson, em relação a deformação organizada da língua cotidiana, vem ao encontro com a escrita de Khote, que em A obra e crítica, p 9, nos diz “isso já deveria ter levado os leitores e literatos “de esquerda” a desconfiar da literatura num grau maior do que os dadaístas. Parece que o “protesto” do “Povão” é ainda mais radical e eficaz ele simplesmente não lê Literatura”. (KHOTE, 1981, p. 9-31.) Se a literatura parte da organização da língua cotidiana, de certa forma essas transformações requerem estudos aprofundados e embasados nos conceitos linguísticos. Segundo Brito “se considerarmos que esse problema epistemológico resultou de uma insuficiência da coisa e não da linguagem, se a contradição for imanente à obra literária, então talvez o impasse do universal através do fenômeno particular – de teorizar algo como literatura – se mostre ele mesmo um particularismo. Não é fazer teoria de algo como literatura que é impossível, é o vício teórico da linguística que torna a experiência literária impossível.

Em relação à estética e semiótica, Khote nos alerta ao papel que a estética precisa assumir em relação a crítica que lhe é feita, tanto pela semiótica, quanto pela conspiração do silêncio. Segundo Khote, “a estética constitui-se dentro do horizonte relativamente limitado da tradição metafísica



ocidental, horizonte que a filosofia talvez empurrada pelas forças sociais e fermentação há mais de um século procura desesperadamente transcender” (KHOTE,1981, P.2). Segundo Matheus Brito,

“Estética qualificaria propriamente a dialética entre o interesse opaco, mas imanente ao objeto, e o juízo que lhe faz justiça ao conferir-lhe o primado. A insolubilidade da questão – teoria ou literatura, semiótica ou estética – é útil se nos permite radicalizar outra postura. Até então dissemos que o nó conceitual entre referente, valor, sujeito e experiência foi reduzido ao problema do sentido do texto. Há alguma noção de linguagem que, sem se enredar na semiótica, possamos recuperar para os estudos literários?” (DE BRITO, 2015, p.1419)

Brito finaliza seu pensamento com um questionamento em relação a noção de linguagem, nesse aspecto podemos observar que a semiótica e a estética são algo indissociável para compreensão, desse modo podemos observar uma preocupação eminente e indagações que auxiliam a nortear a base teórica da crítica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ORIENTAÇÕES GERAIS DO REFERENCIAL TEÓRICO

A crítica literária é o estudo, discussão, avaliação e interpretação da literatura. Podendo assumir a forma de um discurso teórico baseado na teoria da literatura ou um discurso que o detalhe, apresente ou revise uma obra literária. O método da crítica literária é diretamente influenciado pela história, nesse aspecto a análise de termos de época, auxiliam na tradução explicação de temas relevantes para a sociedade.

No século IV a.c, Aristóteles escreveu a *Poética*, uma tipologia e descrição de forma literárias com muitas críticas específicas das obras de artes contemporânea. Nesse aspecto a crítica literária do renascimento desenvolveu ideias clássicas de unidade de forma e conteúdo no neoclassicismo literário, o neoclassicismo foi a escola literária que buscava difundir e retomar os modelos clássicos de arte e poesia, com versos decassílabos e arte baseada na estética. Sendo assim tornando a crítica incompreensível a população menos prestigiada de conhecimento. Já no iluminismo a crítica torna-se mais popular, nesse período a taxa de alfabetização passa a subir a leitura não passa a ser mais exclusiva das pessoas de posse.

Na contemporaneidade, Northrop Frye e a influente *Anatomia da Crítica* (1957), Frye observa em sua obra que alguns críticos pretendem adotar uma “ideologia” para julgar as obras literárias, esse pensamento tem sido uma grande influência para os pensadores modernos e pós-moderno. Assim sendo, temos a Hermenêutica: conhecimento via interpretação para entender os significados de textos humanos e expressões simbólicas, incluído a interpretação de textos que interpretam outros textos. Nos anos 1960, a “Nova Crítica” desenvolveu-se em torno de duas figuras primordiais Gérard Genette e Roland Barthes, para quem a crítica tornou-se a própria literatura.

A semiótica surgiu nos estudos linguísticos com as pesquisas do lituano **Algirdas Julius Greimas** (1917-1992). Contudo, a palavra “semiótica” foi usada, pela primeira vez, pelo filósofo e linguista americano **Charles Sanders Peirce** (1839-1914). A semiótica serve para entender os signos e com base nisso aprimorar a comunicação, sendo útil na análise do comportamento humano.

Todos esses aspectos históricos são norteadores para o estudo da crítica literária, dessa forma servem como base analisadora para o ensino da semiótica e estética comparada, pois ao analisarmos os aspectos históricos observamos a evolução no estudo da crítica literária, a semiótica vem melhorar esse avanço e tentar auxiliar na explicação de conceitos ainda não identificados

Ao pesquisar a semiótica e a estética, é possível perceber a relevância desses temas para uma boa análise literária, para Khoté, “A semiótica aparenta ser hoje a superação da linguística (considerada uma mera subdivisão) e da estética. Ela pretende ser a ciência daquilo que a estética teria sido a mera filosofia, ou pior ainda, mera metafísica”. (KHOTE,1981, p. 1-8.) E estética não conseguiu em sua função explicar a arte e por tal objeto recebeu muitas críticas.

Desde a descoberta da fotografia e com as técnicas de reprodução sígnica, como o cinema e televisão, houve um aumento da memória em relação ao registro, dessa forma, os sistemas de artes tornaram-se estreito e secundário demais. Nessa perspectiva Khoté revela o desejo de dar a semiótica a cientificidade que ela necessita, pois dessa forma ao analisar os posicionamentos filosóficos Nietzsche e Heidegger observa-se que para suas conclusões o poeta partira também de bases teóricas, sendo assim explica que só a teoria que é capaz de questionar seus pressupostos pode aspirar tornar-se ciência.

No artigo “Umberto Eco e a Estética Semiótica”, Edgar Roberto Kirchof refere-se ao poeta como um dos grandes escritores dos anos 2000 e reconhecido por suas obras literárias, mas mesmo antes disso nos anos de 1960, Umberto Eco começa a desenvolver a teoria e construção de um sistema semiótico em “La Struttura Assente” (1968) e “Trattato de Semiótica Generale” (1975), nos quais define a mensagem estética a partir dos critérios semióticos. Em uma das obras mais conhecida do autor, *O nome da Rosa* (1980), também há predominância e nitidamente manifesto de seus postulados teóricos sobre a poética, narrativa e interpretação semiótica.

Eco não chega desenvolver uma teoria estética em sentido amplo, mas trata de assuntos estéticos ao longo de toda sua obra, desde suas produções nos anos 50 até as produções atuais. Eco faz em seu livro uma própria análise da evolução estética de suas produções, distribuindo em quatro fases, na última delas a fase da estética e a semiótica, a estética é colocada sob o prisma da semiótica do texto. Na terceira fase, em que há o destacada da “Estética e comunicação de massa”, Eco começa a trabalhar as questões e a ocupar um novo território estético, marcado pela relação entre a cultura intelectual e a contemporânea em geral, nessa fase observamos um comprometimento social típico de Humberto Eco.

Para Eco, a experiência estética põe em jogo uma espécie de contradição, pois, de um lado, não pode ser reduzido a uma medida quantitativa tampouco a uma sistematização estrutural, por outro lado, no entanto, só é possível porque “deve ter uma estrutura, pois de outro modo não haveria comunicação, mas pura estimulação ocasional de respostas aleatórias (ECO,1976, p.60). Assim sendo, Eco desenvolve o conceito de idioleto estético para resolver esse paradoxo.

Heidegger, filosoficamente, tenta simplificar a teoria de Peirce, sua contribuição não se dá na escrita de ensaios literários e nem na imitação de sua terminologia. Seus textos são desveladores do objeto estudado. Heidegger explora o simplório, conceito emissor, receptor, canal, mensagem e código da teoria da informação, nessa perspectiva sugere que o ícone é mais fiel, sendo assim o simbólico só seria superior se fosse icônico. “O icônico pode ser menos idêntico ao real e, portanto, talvez o “simbólico” possa tornar-se mesmo ideológico” segundo Kholostov.

Ao falarmos de objeto de estudo, não podemos deixar de falar de Greimas, em seu trabalho sobre poética e linguística, Greimas procura descobrir como a linguística pode contribuir para definição do objeto. Para isso usa-se do princípio de equivalência utilizado pelos poetas Baudelaire, Hugo e Apollinaire que por sua vez mostram os limites de aplicação desse limite.

Ao falar do objeto poético, inicia falando das análises que se proliferam no campo poético, fica evidente nessa parte inicial de seu texto a crítica realizada pelo autor ao utilizar o termo “profissão de fé”, termo esse usado na religião católica que inicia-se com “creio em Deus Pai todo poderoso” assim sendo se analisarmos essa perspectiva, o autor demonstra que muitos escritores tem dificuldades em escrever textos em matéria de linguagem, porém o poeta cita que a abstenção da escrita pode ser pior na poética do que na linguística.

Assim sendo, mesmo o autor restabelecendo sua crítica aos poetas que tratam essa definição do objeto como profissão de fé, demonstra apreço pela importância da escrita de tais textos, de modo que possibilita o leitor buscar conhecimento e obter um base desses princípios teóricos. Há uma grande preocupação com a construção de um discurso cada vez mais coerente e conservador, nesse aspecto seria muito difícil no mundo atual unificar tão intenso em palavras um único discurso de crítico literário, antropólogo, filósofo e gramático.

O autor nos indaga, por meio de uma pergunta retórica, como seria possível identificar em um determinado texto se é poesia. Esse questionamento é muito importante para o observamos o processo de criação dos textos poéticos. A partir da semana de arte moderna, ao adentrarmos as escritas contemporânea a poesia passou a liberdade no sentido da construção estética e estrutural, podemos definir com facilidade a estrutura de uma prosa e poesia, mas a definição de buscar um texto a sua poeticidade é algo mais complexo.

Sendo assim, torna-se mítico a denominação do objeto poético, pois há questionamento em relação as escolas de pensamentos e mostra-se que para que essa análise tornasse eficaz seria necessário

que cada escola definisse com propriedade o que seria esse objeto poético. Quando fazemos essa análise percebemos que cada escola tem por objetivo por inovar, mas essa inovação não tem a função de substituir o objeto da escola anterior e sim torna-se um objeto de função futurista, que esteja à frente de seus leitores.

Esse objeto fica por se descobrir, e aí entra o papel fundamental do crítico literário, que tem a função de descobrir através de seus métodos e teorias as regras e especificidades que cada objeto através da gramática associada a sonoridade dos textos denominados com poéticos. Entendo que nessa fase o crítico deve observar o aspecto vertical e horizontal do texto, além de se atentar ao momento histórico e aos problemas sociais que podem interferir na identificação desse objeto.

A complexidade de tais termos podem ser explicados por P Valéry. Segundo Valéry, a arte pode ser aplicável no sentido de “equivalência” entre o fundo e a forma. Essa equivalência pode ser observada através do plano vertical e horizontal, em que os níveis linguísticos empilham-se uns sobre os outros, além de se somar ideia do fônico, gramática e semântica.

Khote, assim como Valéry, afirma que a poesia não é apenas oscilação entre o som e o sentido, mas o som e o sentido se configuram nela em função do silêncio que os permeia e contra o qual se afirmam. Para Khote, o som não pode existir no poema como algo oposto ao sentido, como se a sonoridade viesse em detrimento do sentido e fosse a própria poeticidade.

Por fim, Khote finaliza seu texto com a afirmação de que “a ciência não é o horizonte último e o único do conhecimento, a objetividade de conhecimento não é, contudo, “jargão científico” em nome da objetividade e preciso reavaliar a pretensão da cientificidade da ciência”.

2.2 ASPECTOS CONCEITUAIS

Assim consideramos que:

- 1) O crítico é responsável por apontar acertos e falhas de determinadas produções em termos estéticos, linguísticos e retóricos;
- 2) A semiótica busca entender como o ser humano consegue interpretar as coisas, principalmente o ambiente que o envolve;
- 3) O objeto não tem a função de substituir a escola anterior e sim inovar e torná-lo atual

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esses estudos de estéticas comparadas, é possível observar que artes, música e literatura estão intimamente ligadas, ao analisarmos uma obra de arte ou texto poético não podemos nos desprender dos fatos históricos que os permeiam, observar a intencionalidade do autor e ainda manter o papel social ao que texto foi exposto.



Assim sendo, o crítico deve se preocupar em ter uma fundamentação teórica e aprofundadas na semiótica de modo que possa fazer do processo criativo de sua crítica, não deixar de observar as minuciosidades dos temas estudados além de o compará-lo com os temas e autores das atualidades.

Uma das recomendações é a leitura incansável de textos teóricos e norteadores, ter uma base fundamentada faz com que o crítico tenha mais credibilidade em suas análises, por fim ser um leitor atento e principalmente de livros, faz com que não caia em armadilhas e inverdades do mundo tecnológico.



REFERÊNCIAS

DE BRITO, Matheus. Semiótica ou Estética: considerações sobre a epistemologia das Letras, ESTUDOS LINGUÍSTICOS, São Paulo, 44 (3): p. 1409-1419, set.-dez. 2015.

EIKHENBAUM, Boris et al. Teoria da Literatura: formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1976.

FRYE, Northrop. *Anatomy of criticism: four essays*. Princeton (NJ): Princeton University Press, 1957. [Ed. bras.: FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica: quatro ensaios*. Trad. de Marcus de Martini. São Paulo: É Realizações, 2014.]

HEIDEGGER, M. Ser e tempo (1927), Partes I e II, tradução de Marcia Sá

Cavalcante Schuback, Petrópolis: Vozes, 2002. [Sein und Zeit, Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977.]

KHOTE, F.R. Estética e Semiótica. In: Literatura e Sistemas intersemióticos. São Paulo: Cortez, 1981.p.1-8.

KHOTE, F.R. A obra e a Crítica. In: Literatura e Sistemas intersemióticos. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1981.p.9-31.

KIRCHOF, Edgar Roberto. Umberto Eco e a Estética Semiótica. Prâksis do ICHLA, 2007.

GREIMAS, A.J. Ensaios de Semiótica Poética. São Paulo, Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

TAGLIAFERRI, Aldo. Estetica do Objetivo. São Paulo: Perspectiva, 1978.